

# UMA INTERNET EM TEU CAMINHO: CORPO E AFETOS NO FEMINISMO CONTEMPORÂNEO NO BRASIL<sup>4</sup>

CRISTINA SCHEIBE WOLFF

Em junho de 2022, uma notícia colocou Florianópolis no centro das discussões pró e contra o aborto no Brasil e mobilizou afetos de forma muito forte em torno desta questão política tão importante. O caso foi assim: uma menina de 11 anos foi ao serviço de aborto legal no Hospital Universitário da UFSC, acompanhada de sua mãe. A menina estava grávida com 22 semanas, e solicitou o aborto. No Brasil o aborto é legal em três casos: risco de vida para a mãe, estupro ou feto anencefálico. Qualquer relação sexual com menores de 14 anos é considerada estupro pela legislação brasileira, ou seja, tratava-se de um caso de gravidez em consequência de estupro, portanto, um aborto legal. Acontece que o governo 2018-2022 do Brasil advogava contra o aborto mesmo nestes casos permitidos pela lei, em nome da ideia de que a vida começaria na concepção, defendida pelos grupos que se autointitulam “Pró-vida”. Instada por esse discurso, foi lançada uma portaria (PORTARIA n.º 2.282, DE 27 DE AGOSTO DE 2020) que regulamentava que a partir de 20 semanas, deveria haver uma autorização judicial para o aborto (pois consideram que neste caso não seria aborto, mas parto)<sup>5</sup>. Dessa forma, a menina e sua mãe foram enviadas ao sistema judiciário, e obtiveram uma audiência com uma juíza de direito. A Juíza, na audiência, apesar de saber que o aborto era um direito da menina, passou parte da audiência tentando convencê-la a ter a criança e doá-la para adoção, e ao final, além de não prover a mãe com a autorização necessária, retirou a menina da guarda de sua família, e a enviou para um abrigo, alegando que a mãe iria “forçá-la” a realizar o aborto. Entretanto, na nossa sociedade da informação e da internet, alguém gravou um áudio da audiência e ele “vazou” para a imprensa.

A partir deste áudio, dois portais da mídia independente realizaram uma reportagem: o Portal Catarinas, com sede em Florianópolis e com posicionamento claramente feminista; e o Intercept, portal de notícias com reconhecimento internacional, responsável, entre outras coisas, por graves denúncias à operação Lava Jato, e importante papel político no cenário brasileiro<sup>6</sup>. Além da reportagem, uma série de mobilizações na rede e na cidade foram feitas, para denunciar a questão e reivindicar o direito ao aborto legal, o qual acabou sendo realizado. É importante destacar,

4 Este estudo faz parte do Projeto “A internet como campo de disputa pela Igualdade de Gênero”, realizado no Laboratório de Estudos de Gênero e História da Universidade Federal de Santa Catarina com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina (Fapesc).

5 Com a entrada do novo governo no Brasil, a partir de 01/01/2023, diversas portarias que concernem aos direitos reprodutivos foram revogadas já em 16/01/2023. Cf. VALENGA, Daniela. Ministério da saúde revoga medidas que afetavam os direitos reprodutivos. Portal Catarinas, 17/01/2021. Disponível em <https://catarinas.info/ministerio-da-saude-revoga-medidas-que-afetavam-os-direitos-reprodutivos/>, acesso em 01/02/2023. Da mesma forma, o novo governo anunciou que deixou o Consenso de Genebra sobre Saúde da Mulher e Fortalecimento da Família, uma aliança internacional antiaborto, fundada em 2020, e assinou dois compromissos internacionais pelos direitos das mulheres e igualdade de gênero. Cf. VALENGA, Daniela. Brasil deixa declaração antiaborto e assina compromissos de igualdade de gênero. Portal Catarinas, 17/01/2023. Disponível em <https://catarinas.info/brasil-deixa-declaracao-antiaborto-e-assina-compromissos-de-igualdade-de-genero/>, acesso em 01/02/2023.

6 <https://catarinas.info/menina-gravida-de-sc-e-autorizada-a-deixar-abrigo/>

neste caso, estes portais de mídia, que não fazem parte das redes de mídia hegemônica, e que, através de sua divulgação na internet, e nas redes sociais de maneira particular, acabaram trazendo essa notícia para uma discussão social, que seria impossível em outros tempos.

Entre as manifestações organizadas por grupos feministas sobre o caso relatado acima, chamou a atenção a performance *Un violador en tu camino*, ou, em português, “Um esturador em teu caminho”.



Figura 1. Captura de tela da performance divulgada no Instagram @8mbrasilsc e @frentecatarinenseabortolegal, 06/07/2022.

Fonte: Reprodução do Instagram: <https://www.instagram.com/p/CfrHZ0hAMhW/>. Acesso em 31/07/2023.

Realizada na Universidade (onde funciona também um Fórum) e em frente à Assembleia Legislativa, e registrada nas redes sociais, a performance inaugurada pelo coletivo *Las Tesis* de feministas chilenas em protestos contra a violência sexual em 2019, foi reproduzida para marcar a relação deste caso com a cultura do estupro e com os movimentos feministas. Essa performance, quando realizada pela primeira vez no Chile, em 2019, foi divulgada nas mídias e redes sociais, e imediatamente “copiada” por feministas de muitas partes do mundo<sup>7</sup>. Por meio de redes e mídias sociais como Instagram, Facebook e YouTube, a performance se reproduziu por vários lugares, entrelaçando corpos, símbolos e construindo afetos.

Este é o tema deste texto: esse entrelaçamento entre corpos, afetos e símbolos, na construção dos movimentos feministas contemporâneos na América do Sul, especialmente no Brasil. Parto de Florianópolis, onde vivo, mas com o olhar atento ao que acontece no mundo, pois hoje esse mundo está cada vez menor, e o que acontece aqui acontece ao mesmo tempo, em muitos lugares, pois está no espaço do on-line, em muitos espaços simultâneos ou assíncronos.

A performance feita no Chile em outubro de 2019, chegou pela primeira vez a Florianópolis em dezembro do mesmo ano, constituindo um protesto que adquiriu aqui um cunho importante de oposição e resistência ao governo eleito em 2018. Na reportagem realizada pelo Portal Catarinas, Paula Guimarães chama a atenção para o caráter transnacional do protesto, mas também para as especificidades da “capital mais bolsonarista do país”, para o crescimento dos números de violência contra as mulheres desde o início daquele governo, e para os casos de estupros de meninas de menos de 13 anos, e para as declarações de um dos deputados estaduais que atribui os estupros às próprias mulheres por seu “comportamento”. Segundo ela, “Por isso, quando as manifestantes, de olhos vendados, afirmam veemente o ‘Estuprador és tu não miram no pai, padrasto ou mesmo um desconhecido que a violentou, mas na estrutura social que permite e autoriza esses homens a subordinar e descartar corpos femininos. Se a venda inicialmente não identifica o agressor, por outro lado, o dedo apontado é uma maneira de constranger aqueles que passam pelo local.” (GUIMARÃES, 2019).

Esse tipo de performance é uma característica dos movimentos feministas contemporâneos, como ficou muito patente no caso das Marchas das Vadias. (GUZZO e WOLFF, 2020) Estas marchas, realizadas no Brasil de 2011 a 2016, tiveram também uma conexão global. Seu início é associado a um episódio na Universidade de York, em Toronto, Canadá, em que numa palestra para estudantes, um policial sugeriu que as mulheres estariam mais seguras frente a casos de violência sexual se não se vestissem “como vadias” (*sluts*). As estudantes organizaram assim uma marcha das vadias (*Slutwalk*), vestindo-se de forma provocante, desnudando seios, e afirmando aquilo que é reafirmado na performance do estuprador em teu caminho: “E a culpa não era minha, nem onde estava, nem como vestia!”. Em várias partes do mundo apareceram estas “*slutwalks*”, e no Brasil tiveram uma durabilidade importante com, e uma série de características próprias. Entre elas está a presença de performances, algumas muito polêmicas, a exposição dos corpos, a escrita nos corpos, e a participação de mulheres jovens e mulheres trans. Como mostra Morgani Guzzo (2019) as Marchas das Vadias, ocorridas por todo o Brasil, foram portas de entrada para muitas mulheres jovens nos movimentos e mobilizações feministas, abrindo caminho para a chamada Primavera Feminista (2015) e para o movimento 8M a partir de 2017. (PEDRO, WOLFF e SILVA, 2022).

7 Como se vê no vídeo da Agência AFP (<https://youtu.be/Z4sbB1F5jyg>)



Figura 2. Performance “O estuprador és tu” em Florianópolis (2019)

Fonte: Portal Catarinas, foto de Cristina Gallo: [https://catarinas.info/estuprador-es-tu-performance-de-denuncia-chega-as-ruas-de-florianopolis/?fbclid=IwAR2bpV-kSboyUnW3LB-ndMeN8UKSAVBm2S\\_gYi3LvvggcbzQLiwQOF89x8o](https://catarinas.info/estuprador-es-tu-performance-de-denuncia-chega-as-ruas-de-florianopolis/?fbclid=IwAR2bpV-kSboyUnW3LB-ndMeN8UKSAVBm2S_gYi3LvvggcbzQLiwQOF89x8o)

Nas Marchas das Vadias há muitos elementos performáticos. Na de Salvador, em 2012, por exemplo, Morgani Guzzo conta, por meio de entrevistas com as organizadoras, uma performance em que era lido um texto e, ao mesmo tempo, realizada uma coreografia em que as mulheres começavam maquiadas e bem vestidas, e aos poucos iam borrando a maquiagem e tirando as roupas, se “desmontando”, ou “desperformatizando” como “mulheres”, desnaturalizando e evidenciando o gênero como performatividade como elabora Judith Butler (2003, p.9). (GUZZO, 2019, pp. 127-128). Outra importante característica das Marchas, é que sua organização foi frequentemente realizada via Facebook ou outras redes sociais. E suas performances foram também divulgadas na internet, atingindo assim um público bem maior do que aquele que presenciava as marchas nas cidades.



Figura 3. Marcha das Vadias de Florianópolis em frente à Igreja Universal, 2013.

Fonte: Foto de Eduardo Valente. GUZZO, 2019, pp. 147.

Estas formas de protesto performáticas não são novas no feminismo. Até hoje se fala das feministas como “queimadoras de sutiã” em alusão a uma manifestação ocorrida em Arlington, nos Estados Unidos, em 1968. (PEDRO, 2008, p.60-61). Aliás, entre queimar sutiãs e trazer os seios nus para as ruas, marca das Marchas das Vadias, pode-se ver uma continuidade, uma reivindicação de autonomia sobre os seus próprios corpos. De certa forma é desapontador que, ao longo de mais de cinquenta anos, se só contarmos a partir dos anos 1970, as mulheres continuem com essa mesma reivindicação, que apesar das leis, acordos internacionais, e outras medidas formais, falam de uma falta de autonomia sobre os corpos femininos.

Ao analisar os movimentos de estudantes feministas ocorridos no Chile em 2018, Nelly Richard destaca vários elementos das performances, e da própria organização, marcados por quebras das formas tradicionais e das hierarquias. Um desses elementos é a forma como as manifestantes, na maioria mulheres jovens, utilizam o corpo como uma linguagem, carregado de símbolos, movimentos e sons.

Pero las estudiantes feministas no sólo redistribuyeron el espacio público de la ciudad sino la superficie de sus propios cuerpos. La dividieron entre zonas visibles y otras invisibles según reglas ya no subordinadas al deseo sexual masculino ni a los estereotipos del consumo publicitario de la iconicidad femenina. (RICHARD, 2021, p. 318)

Nas performances e nas manifestações, o corpo ou partes dele é muitas vezes mostrado, enquanto o rosto é coberto por “passamontanas”/balaclavas ou lenços amarrados, cobrindo nariz e boca.

Assim como no caso dos sutiãs supostamente queimados e dos seios nus, é possível pensar numa genealogia dessa forma de cobrir o rosto e seus significados. Nelly Richard lembra dos Zapatistas, do México, que utilizavam as balaclavas sistematicamente nas décadas anteriores, e também o grupo punk russo Pussy Riot.

Al usar el pasamontaña, las jóvenes feministas chilenas entrecruzaron el indigenismo de la rebelión zapatista como dialecto continental, con el internacionalismo de las versiones globalizadas de las insurrecciones populares que despliegan a escala planetaria su oposición anticapitalista. Hibridez de lenguaje, práctica situada e interferencias de contextos como estrategias de localización crítica de la cita insurreccional en una performatividad descolonizadora. (RICHARD, 2021, p. 318-319)

Assim como as balaclavas, são usadas outras formas para redistribuir e marcar a superfície dos corpos. As inscrições nos corpos, são muito comuns, e aparecem também nas performances *Un violador en tu camino*, assim como apareceram nas Marchas das Vadias, nas manifestações pela descriminalização do aborto, e nos atos de *Ni una a menos*.

As inscrições corporais têm uma série de significados a serem pensados. Os povos indígenas de toda a América usam pinturas corporais, no seu dia a dia, em seus rituais e na guerra. As mulheres indígenas brasileiras, que tem se colocado cada vez mais na cena pública na última década, também têm reiteradamente se utilizado dessas pinturas, parte de sua cultura ancestral, para demarcar sua identidade e explicitar suas reivindicações. Na 1ª. Marcha das Mulheres Indígenas, ocorrida em Brasília em 2019, com o tema “Território, nosso corpo, nosso espírito”, elas foram pintadas e paramentadas com suas vestes tradicionais para as ruas. Mais de 2.500 mulheres indígenas, de 125 etnias de todo o Brasil, participaram deste momento que já vinha sendo preparado desde 2016. (cf. CASTILHO e GUIMARÃES, 2021). Para as mulheres indígenas há uma continuidade entre corpo e território, e demarcar seus territórios é também demarcar seus corpos. Afinal, o que é território, senão o domínio e a autonomia sobre um espaço, e este espaço é cheio de corpos e de natureza. A fala de Célia Xakriabá, hoje deputada eleita por Minas Gerais, mas então uma das porta-vozes do movimento, em um discurso que considero antológico, e que sobrevive no YouTube, deixa bem clara essa relação:

Os corações das mulheres indígenas, as mãos e os pés das mulheres indígenas, também guardam conhecimento. E vai ser nós, mulheres indígenas, com nossos corpos, que vamos descolonizar a sociedade brasileira que tem matado a nossa história, que tem matado a nossa memória<sup>8</sup>.

Corpo é território e território é corpo, o que implica ter autonomia nesse corpo território, defendê-lo contra a invasão, a violência, a doença. É demarcá-lo com pinturas de urucum e jenipapo, enfeitá-lo com cocares e adereços, é mostrá-lo, no espaço público. Ao aparecer nesse espaço assim demarcado, o corpo/território é clamado, reivindicado e apropriado pelas mulheres indígenas.

<sup>8</sup> Ver o vídeo deste discurso em <https://youtu.be/wUn5ja0FrjY>.



Figura 4. Cartaz da Primeira Marcha das Mulheres Indígenas, 9-13/08/2019.

Fonte: Ilustração de Cristiano Siqueira (@crisvector via @designativista) <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/590723-marcha-das-mulheres-indigenas-reunira-2-mil-em-brasilia>. Consulta em 12/03/2023.

Outro elemento simbólico e material e que (de)marca os corpos nas manifestações feministas da América Latina, são os lenços. Verdes para o aborto, roxos para o feminismo, pretos como os dos zapatistas e antifascistas. Na performance *Un violador en tu camino*, muitas vezes são usadas vendas pretas nos olhos, e os lenços verdes aparecem nos pescoços ou punhos. Conforme explicam Barbara Sutton e Nayla Luz Vacarezza (2020, p. 740):

The green kerchief immediately situates us in a broader social movement field of human rights activism and in a genealogy of feminist and women's struggle. In particular, the green kerchief operates as a semimimetic symbol with respect to that identified with a significant organization in Argentina: the Mothers of the Plaza de Mayo<sup>9</sup>.

Os lenços verdes, mas também os de outras cores que vão sendo criados e reapropriados pelos grupos feministas, nos colocam em uma conexão. É esse vínculo afetivo com o passado recente que o lenço verde evoca na Argentina. Mas evoca a relação transnacional quando exibido em outras partes da América Latina ou do mundo. Essas imagens foram símbolos do 8M de Florianópolis, em 2020 e 2021:

9 SUTTON, B., & VACAREZZA, N. L. (2020). Abortion Rights in Images: Visual Interventions by Activist Organizations in Argentina. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 45(3), 731–757. doi:10.1086/706489 p. 740. Tradução Livre: "O lenço verde nos situa imediatamente em um campo mais amplo de movimentos sociais de ativismo de direitos humanos, e em uma genealogia da luta feminista e de mulheres. Em particular, o lenço verde opera como um símbolo semi-mimético com relação ao que é identificado como uma organização significante na Argentina: as Mães da Plaza de Mayo."



Figura 5: Símbolos das manifestações 8M em Florianópolis em 2020 e 2021

Fonte: <https://www.instagram.com/p/B8rrLgqnRWb/?igshid=ODhhZWM5NmlwOQ==> e [https://www.instagram.com/p/CL2pb\\_uH47f/?igshid=ODhhZWM5NmlwOQ==](https://www.instagram.com/p/CL2pb_uH47f/?igshid=ODhhZWM5NmlwOQ==), @8mbrasilsc (Consulta em 22/11/2023)

Na imagem da esquerda, o lenço verde que cobre a boca da mulher é a América Latina. E significativamente as palavras corpo e território estão aí, numa manifestação urbana de mulheres de uma cidade do Sul do Brasil. Através dessas palavras, elas se colocam ao lado das mulheres indígenas e quilombolas – que também existem nesse lugar – e com o lenço se colocam como latino-americanas, num mesmo movimento. As cores juntam o roxo do feminismo com o verde da luta pela descriminalização do aborto. E ainda está a inscrição Greve Internacional de Mulheres, que era a proposta desde 2017 do 8M, e que foi se perdendo pelo caminho.

Na imagem dos três punhos referente ao 8M SC 2021, chamado de Jornada Schirlei de Azevedo em homenagem a uma companheira que faleceu naquele ano, além do lenço verde e do roxo, aparece o vermelho, num contexto nacional em que essa cor identificava a oposição ao governo de então. Destacam-se também as cores de pele dos punhos, que procuram mostrar diversidade racial: negra, branca e uma que pode ser indígena ou parda. O punho levantado, especialmente um punho negro levantado, remete a outras histórias ainda, histórias da luta contra o racismo, no gesto identificado com o *Black Power*, mas também identificado com o feminismo.

Sobre o punho cerrado, que faz parte do símbolo do feminismo, Sara Ahmed, faz toda uma reflexão que fala do simbolismo do braço levantado como símbolo de obstinação. Faz também uma conexão deste punho como símbolo do movimento operário, mãos que param de trabalhar para colocar-se na luta.

O punho cerrado contido dentro do símbolo feminino é uma imagem fundamental do movimento de libertação das mulheres. O punho cerrado é um protesto contra o signo mulher (por estar no signo mulher), assim como uma ressignificação das mãos do feminismo como mãos que protestam. As mãos feministas não são mãos servis, pois não ajudam as mulheres a servir. Quando uma mão se cerra como punho feminista, ela é uma mão em movimento. (AHMED, 2022, p. 144)

É nesses punhos que os lenços estão amarrados, mas nas manifestações eles também estão nos pescoços e nos rostos. Nessa genealogia simbólica, de lenços, véus e outras formas de cobrir o



rosto ou partes dele, outra relação que podemos fazer é com o “hijab” muçulmano, tão controverso nas discussões feministas, mas reivindicado pelas mulheres e feministas muçulmanas. Um outro feminismo, anticolonial, decolonial, contrário ao feminismo liberal e “civilizador”? (VERGÈS, 2020; MOHANTY, 2020.)

Cobrir o rosto, no contexto das manifestações, tem vários sentidos, materiais e simbólicos, como o de preservar e proteger as identidades, frente a possíveis repressões policiais e proteger nariz e boca do gás de mostarda e spray de pimenta, costumeiramente usados pela polícia para dispersar as marchas e atos políticos. Preserva também os rostos de aparecerem nas fotos e vídeos que percorrem as redes sociais e a mídia, que podem ser depois utilizados das formas mais aleatórias.

Mas este ato, de cobrir a face, também pode ser lido no sentido de privilegiar um coletivo ao invés do individual, o que vai contra uma postura liberal ou neoliberal, e se conecta com outros feminismos, aqueles que Luciana Balestrin (2017) chama de subalternos, mas que prefiro chamar simplesmente de feminismos, plurais, pois não vejo uma hierarquia entre estes e um suposto “feminismo hegemônico”. Aliás, quando é que o feminismo existiu no singular? Em nossas pesquisas sobre os anos 1970 e 1980 no Brasil e em outros países da América do Sul, vemos sempre a pluralidade marcando movimentos que se afirmaram feministas, e nesse sentido pensar o feminismo como campo discursivo de ação, dentro do qual muitas possibilidades de organização atuam, é fundamental. (ALVAREZ, 2014)

Atualmente é muito forte um movimento de diferenciar, de afirmar uma especificidade dos feminismos atuais, decoloniais, negros, indígenas ou mesmo materialistas, mas acho importante também pensar em uma tradição feminista, o que Sara Ahmed chama de conexão com as que vieram antes (2022). E uma dessas conexões é a ideia de coletivo, que se manifestava nos anos 1970 nas escritas coletivas, na recusa de uma autoria individual nos periódicos e manifestos feministas. O pessoal é político, o político é coletivo, assim, o pessoal é também coletivo. E o coletivo se constrói, com ideias, metodologias, e especialmente, com afetos. Amizade, solidariedade, amor, esperança e coragem. (WOLFF, 2021) Raiva também, como diria Audre Lord. E essas emoções constroem o político, e, conforme Helena López, precisam de uma tradução, uma reelaboração produtiva para se ativarem como ação transformadora. (2014, p. 258) E é precisamente isso que faz a performance *Un violador en tu camino*. Transforma afeto e emoção em ação e em conhecimento feminista transformador.

A performance, feita em grandes grupos, cria vínculos, vínculos feministas, entre aquelas que a performam, com aquelas que assistem e com as que performaram ou irão performar em outros lugares e tempos. Uma experiência. Só quem já esteve naquele corpo coletivo, se movendo, gritando, se arrepiando e sentindo fazer parte, consegue compreender a força dessa experiência. (SCOTT, 1999) Faz parte do continente dos afetos, daquilo que nem sempre é possível descrever.

As pessoas fazem movimentos coordenados, uma coreografia, que cria a impressão de um corpo só, uma só voz, um corpo e uma voz coletiva. Esse corpo coletivo é forte, porque a união faz a força. A força vem da coletividade, é uma força política, se uma mulher poderia ser dominada, muitas são fortes. “Companheirame ajude, que eu não posso andar só, eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor...”<sup>10</sup>

10 Canto sempre entoado em manifestações feministas no Brasil.

É por isso que o dedo em riste pode ser apontado, e não somente para “o violador”, mas também para o patriarcado e para o estado. O estado opressor é um macho violador!

É também um corpo estraga-prazeres, no sentido que lhe dá Ahmed, pois confronta o violador/estuprador, olhando em frente e apontando o dedo para ele: O estuprador és tu! Trazendo desconforto para aqueles que se identificam com o masculino, e/ou o Estado. Vários homens cisgênero, presenciando essa performance, me disseram que sentiram como se aquele dedo estivesse apontando para eles. Desconforto é também um afeto. Trata-se de deixar aquela posição confortável, sentado na poltrona, para ter que se confrontar com os sentimentos da outra parte, no caso, das mulheres e pessoas LGBTQIA+, um desconforto pedagógico, necessário.

Sara Ahmed (2022) fala que ser feminista é ser esta estraga-prazeres, que não ri das piadinhas, faz cara feia e critica as atitudes, aponta com o dedo, que coloca o dedo na ferida, levanta o braço, encara a briga. Mas é também juntar-se às manas, agregar-se. Esse sentimento de pertencimento a um coletivo é um dos mais fortes na construção dos movimentos. Muitos falam que isso seria dado por uma identidade, e que produziria movimentos “identitários”. O feminismo seria das mulheres, o antirracismo seria dos negros, a denúncia da homofobia e da transfobia pertenceria a gays, lésbicas, pessoas trans, etc.

Mas isso não é o que vejo nesses novos movimentos. As identidades estão aí, mas não são somente identidades. Adotar um lenço verde (ou roxo), ou se colocar na performance, permite a muitas pessoas diferentes se colocar nesse espaço de afetos e lutas coletivas. Podem ser gordas, magras, corpos trans ou cis, negras, brancas, indígenas. Cada qual com suas especificidades, mas cada uma também ressignifica a performance, os objetos, e os reinventa, criando outras coletividades, outros vínculos feministas. Pois o que une nestes momentos não é a identidade, mas uma reivindicação, uma ideia, um desejo, e o reconhecimento. Pois quando chego em um espaço, os lenços verdes pendurados nas bolsas, nos punhos ou nos pescoços, os adesivos ou camisetas roxas, me dizem com quem posso contar, a quem posso sorrir, ao lado de quem posso me sentar. Como me disse a filósofa feminista argentina Alejandra Ciriza sobre o coletivo feminista do qual faz parte:

Eu acredito que nós temos uma possibilidade que é a possibilidade de diminuir nossas diferenças, de outro modo. Somos amigas muito próximas, porque hoje a confiança de que uma companheira é uma companheira, não vai te deixar largada, tua companheira não vai te abandonar, não vai te fazer mal, não vai te violentar, sua companheira<sup>11</sup>.

Mesmo sem conhecer muito bem as pessoas, nesses movimentos massivos, com milhares de mulheres nas ruas, os lenços e as inscrições corporais indicam a nossa “tribo”, com as bandeiras e os gritos e cantos. Incorporam e traduzem afetos, transformando-se em ação, em ato feminista, obstinado e estragador de prazeres alheios, gerador de vínculos feministas.

É claro que entre os afetos também estão aqueles que desagregam, e os conflitos e disputas, por protagonismo, por direção, por palavras, por poder, estão sempre presentes. Os movimentos feministas não estão isentos desses conflitos que existem em todos os coletivos humanos, especialmente nos democráticos. E este é o desafio, como encarar essas disputas e os desconfortos que elas apontam e manter o diálogo, a articulação e a solidariedade? Nada fácil, nada automático. As redes sociais, com suas *hashtags* que congregam, também são cheias de “tretas”, de discussões, debates e

11 CIRIZA, Alejandra. Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff. Mar del Plata, Buenos Aires, Argentina, julho 2019. Acervo do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH/UFSC). Transcrita por Gabriele Marchioro Gomes. 10 p.

disputas, de cancelamentos e exclusões, e nada fáceis de navegar. Especialmente se pensarmos que a internet tem sido muito ocupada por discursos e imagens misóginas e antifeministas. Nesse sentido, Cara Snyder indica que os estudos sobre as misoginias on-line reconhecem que é necessário estar na internet – pois é um espaço de luta por políticas e pela cultura - e, ao mesmo tempo, destacam o perigo de ser uma feminista na internet. (2022, p.776)

Esta performance, *Un violador en tu camino*, e toda a sua repercussão on-line, também permite a denúncia de atos diversos que se enquadram no espectro das violações dos corpos femininos ou feminilizados. É por isso que ela se adequa à denúncia do caso da menina de 11 anos, violada por um estupro, mas também, de forma ainda mais contundente, por uma juíza, pela recusa do aborto legal. A exposição do caso na imprensa, na internet, única alternativa de justiça, viola, por outro lado, a privacidade, expondo a menina a outros tipos de violência. A mesma performance foi realizada em Florianópolis, no caso de Mariana Ferrer, estuprada em uma casa noturna, possivelmente com utilização de substância atordoante conhecida como “boa noite Cinderela”. Na audiência de juízo, Mariana teve que ouvir insultos do advogado de defesa, insultos que se repetiram e multiplicaram nas redes sociais, novas violações. O réu foi absolvido “por ausência de provas” apesar de encontrarem sêmen e sangue nas roupas da vítima, que era virgem. A cobertura jornalística alternativa e a ação imediata dos movimentos feministas, inclusive com a realização da performance, foi essencial nesse caso, que foi revisto, e acabou se tornando chave para a criação de uma lei de proteção às vítimas e testemunhas de crimes sexuais<sup>12</sup>.

A internet acaba se tornando um lugar, com importância cada vez maior nas vidas das pessoas. A exposição dos casos, de estupro, violência doméstica, feminicídio e assédio, é ao mesmo tempo, solução e agravamento da violência, pois abre espaço para comentários extremamente violentos, que costumam atribuir a culpa às pessoas atingidas pela violação: “E a culpa não era minha, nem onde estava, nem como vestia” Discursos misóginos afloram nesses comentários e postagens, culpabilizando as mulheres pela sua própria violação. A menina de onze anos teria engravidado de um menino, menor de idade, e, portanto, os dois estariam iguais e não seria estupro. A Mariana teria bebido demais, culpa dela. A professora assassinada a facadas na escola do bairro onde eu moro, por seu ex-namorado, saiu com outros homens, “provocou”. Segundo Cara Snyder

The goal of gendertrolling is to push women out of digital spaces and the primary tactics are threats of physical harm, sexualized violence, and shaming. In this way, the methods used to silence women online are the same as those used to silence women offline, but the platform is different.<sup>13</sup> (2022, 776)

A internet é via de mão dupla. Foi ela que permitiu que em questão de dias a performance *Un violador en tu camino* fosse reproduzida em tantos lugares do mundo, ampliando a noção de coletivo para uma escala global. Mas também tem seus perigos, suas armadilhas, pois tem auxiliado tanto na propagação dos feminismos, como talvez até mais na dos antifeminismos.

Mas uma novidade desse momento, desses feminismos, é que eles vêm do Sul Global – do Chile, da Argentina, do Brasil. Os corpos são cartazes, as cores e objetos tem significados,

12 Lei [14.245](#), 23/11/2021.

13 “O objetivo da trolagem de gênero é expulsar as mulheres dos espaços digitais e sua tática primária são ameaças de danos físicos, violência sexual e shaming (exposição). Dessa forma, os métodos usados para silenciar mulheres on-line são os mesmos usados para silenciar as mulheres off-line, mas a plataforma é diferente.” (tradução livre)

tem ritmo e sons, coreografias. E nós temos que ler essas outras linguagens, e compreendê-las não somente com as ferramentas reconhecidas pelas teorias e epistemologias cartesianas, mas com nossas compreensões envolvidas pelos batuques, que com seus ritmos aceleram o coração, e fazem nosso sangue circular em outra velocidade. Com as palavras, recitadas em conjunto, que nos emocionam de forma diversa, por seu significado, seu ritmo e beleza. Uma força que nos afeta, e que passa por questões simbólicas, emocionais e pelo próprio corpo e como ele se coloca nesse contexto.

O patriarcado é um juiz  
Que nos julga por nascer  
E o nosso castigo  
É a violência que não vê  
(...)  
O estuprador és tu!

A internet permitiu que essa performance fosse reproduzida e ressignificada, e que emocionasse em lugares e situações diferentes. Nos juntamos iguais e diferentes, a um só tempo, construindo corpos em alianças, como propõe Butler (2018), mas não uma aliança como as que vemos reproduzindo a colonialidade, uma aliança cujo protagonismo vem do Sul.

Se cuida, se cuida, se cuida seu machista, a América Latina vai ser toda feminista!

## Referências

- AHMED, Sara. *Viver uma vida feminista*. trad. Jamille Pinheiro Dias, Sheyla Miranda e Mariana Ruggieri. São Paulo: Ubu, 2022.
- ALVAREZ, Sonia E.. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. *Cadernos Pagu* [on-line]. 2014, n. 43 [Acessado 1 Fevereiro 2023], pp. 13-56. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-8333201400430013>>.
- BALLESTRIN, Luciana Maria de Aragão. Feminismos subalternos. *Revista Estudos Feministas*, v. 25, p. 1035-1054, 2017.
- BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Editora José Olympio, 2018.
- CASTILHO, M. W. V. de; GUIMARÃES, S. Corpo político e crítica decolonial: a 1ª Marcha das Mulheres Indígenas. *PerCursos*, Florianópolis, v. 22, n. 48, p. 319 - 353, 2021. DOI: 10.5965/1984724622482021319. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/19179>. Acesso em: 12 mar. 2023.
- GUIMARÃES, Paula. Estuprador és tu: performance de denúncia chega às ruas de Florianópolis. *Portal Catarinas*. 11/12/2019. Disponível em [https://catarinas.info/estuprador-es-tu-performance-de-denuncia-chega-as-ruas-de-florianopolis/?fbclid=IwAR2bpV-kSboyUnW3L-B-ndMeN8UKSAVBm2S\\_gYi3LvvggcbzQLiwQOF89x8o](https://catarinas.info/estuprador-es-tu-performance-de-denuncia-chega-as-ruas-de-florianopolis/?fbclid=IwAR2bpV-kSboyUnW3L-B-ndMeN8UKSAVBm2S_gYi3LvvggcbzQLiwQOF89x8o). Consulta em 11/03/2023.
- GUZZO, Morgani. *Campos e corpos plurais : os feminismos das Marchas das Vadias no Brasil*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2019. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/198991?show=full>, Consulta em 11/03/2023.

GUZZO, Morgani, WOLFF, Cristina Scheibe. Afetos no engajamento político das Marchas das Vadias no Brasil (2011-2017). *Revista Estudos Feministas*. 2020; vol.28, n. 2: e72429. Available from: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n272429>. Consulta em 11/03/2023.

LÓPEZ, Helena. Emociones, afectividad, feminismo. En: SABIDO, Olga, GARCÍA, Adriana (eds.) *Cuerpo y afectividad en la sociedad contemporánea*. México: UAM A, 2014: 257-275. ISBN: 978 607 28 0261 2.

MOHANTY, Chandra Talpade. *Sob olhos ocidentais*. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2020

PEDRO, Joana M., WOLFF, Cristina S., & SILVA, Janine G. da. (2022). Desafios dos feminismos na História do Brasil Contemporâneo. *História (São Paulo)*, 41, e2022016. <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2022016>. Consulta em 11/03/2023.

PEDRO, Joana Maria. Os feminismos e os muros de 1968, no Cone Sul. *Clio. Revista de Pesquisa Histórica*, n. 26-1, 2008, pp. 59-82.

RICHARD, Nelly. La insurgencia feminista de mayo 2018 en Chile. In: *Zona de tumultos: Memoria, arte y feminismo*. Textos reunidos de Nelly Richard: 1986-2020 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO, 2021. Pp. 311-327.

SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, Alcione L.; LAGO, Mara C. S ; RAMOS, Tânia R. O. (org.) *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Mulheres, 1999, p. 21-56.

SNYDER, Cara K. Navigating online misogyny: strategies, methods, and debates in digital feminism. *Feminist Studies*, 48:3, 2022. Pp. 776-789.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu, 2020.